

# AMADORA DE OUTROS TEMPOS

Já algumas vezes fizemos referência aos «saloi» da Amadora, localidade dos arrabaldes da capital, da qual saíam diariamente, para Lisboa, vendedores de pão, de leite e de queijos. O principal posto de venda situava-se na Praça da Figueira, mas também deambulavam pelos bairros de Lisboa com os seus pregões de morangos, lavadeiras de roupa, queijadas e pastéis de feijão.

O conceito de saloi pouco tem divergido entre especialistas, pelo seu interesse, vejamos o que nos diz sobre o assunto Fernando Castelo Branco, in Revista Municipal, N.º 22 - 4.º trimestre - 1987:

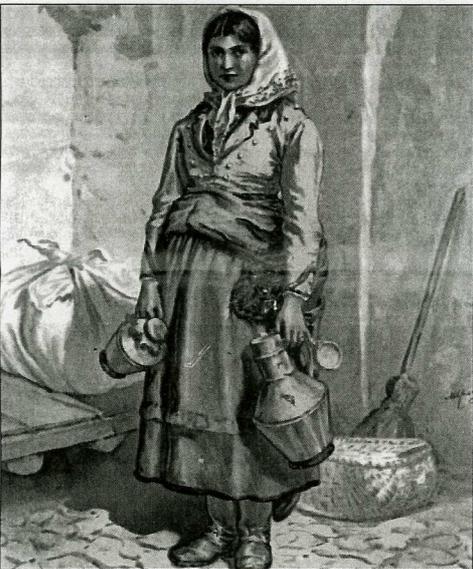
## A PROBLEMÁTICA DO CONCEITO DE SALOI

A origem e o significado da palavra saloi foram estabelecidos por um sábio arabista, David Lopes, em sessão da Academia das Ciências de Lisboa de 23 de Dezembro de 1915: de origem árabe, significa «habitante do campo», em oposição ao da cidade; apelação, pois, de descendente de gente polida da cidade designava a população inculta dos campos campônio enfim<sup>(1)</sup>. Esta origem e este significado não sofreram contestação, continuam a ser aceites e podemos considerá-los, por isso, como algo seguramente estabelecido.

Mas esta origem e este significado têm implícitos uma cronologia e uma problemática. Se a palavra saloi deriva de um termo árabe, ela deve-se portanto a pessoas que falavam essa língua, fossem os invasores muçulmanos ou seus descendentes, fossem peninsulares islamizados. E decerto o termo surgiu antes da reconquista definitiva de Lisboa pelos cristãos em 1147, e, obviamente, é posterior à invasão islâmica. Não parece nada provável que depois da reconquista cristã, depois de os muçulmanos terem sido, pelo menos na sua maior parte, expulsos de Lisboa, tivesse surgido aqui um termo derivado do árabe. Quanto ao problema, parece-nos ser este: se saloi é o habitante do campo, o campônio que contrasta com o habitante da cidade, saloiis deveriam ser, pois, todos aqueles que viviam no campo nos arredores das cidades, dos centros urbanos com certa amplitude, isto durante o período muçulmano, uma vez que o termo surgiu durante este período. Como explicar aplicar-se ele apenas aos habitantes dos arredores de Lisboa e somente aos dos seus arredores setentrionais?

Lisboa esteve sob o domínio muçulmano mais tempo, bastante mais tempo do que várias outras cidades peninsulares, como, por exemplo, o Porto, o que favoreceu decerto o aparecimento em Lisboa, assim como sua península - e a Lisboa e arredores ficando circunscrito - uma denominação de origem árabe.

Mas, para além disso, há a considerar muito especialmente que Lisboa deve ter sido, devido ao movimento do seu porto, uma cidade particularmente cosmopolita no período muçulmano, fazendo um gritante contraste com os lugares circundantes. E mais:



Saloi leiteira

recordemos o testemunho do cruzado (2) autor da narrativa da conquista de Lisboa em 1147: «Ao tempo que a ela (Lisboa) chegásemos era o mais opulento centro comercial de toda a África e duma grande parte da Europa. (...) A nossa cidade tinha a cidade sessenta mil famílias que pagavam tributos, incluindo os dos subúrbios em volta, mas excluídos os homens que não estavam sujeitos à tributação de ninguém (...) segundo depois se tornou pelo alcáide, isto é, pelo governador, depois de a termos tomado, teve esta cidade cento e cinquenta e quatro mil homens, excepto as mulheres e as crianças, mas incluídos os habitantes do castelo de Santarém, que, expulsos aquele ano da sua cidade, ali se tinham fixado como hóspedes, e bem assim todos os nobres de Sintra, Almada e Palmela, com muitos mercados de toda a parte da Espanha e de África. (...) A causa de tamanha aglomeração de homens era que não havia entre eles nenhuma religião obrigatória; e como cada qual tinha a religião que queria, por isso de todas as partes do Mundo os homens mais depravados acorriam aqui.» (3)

Para além da última afirmação, compreensível na pena de um cruzado e em ambiente de cruzada, parece-nos poder-se concluir da sua narrativa ter sido Lisboa, no período que antecedeu a reconquista, pelo menos, uma cidade com intensa actividade comercial, tráfego esse efectuado seguramente por via marítima na sua maior parte, um núcleo urbano onde convergiam pessoas vindas de diversos locais, portanto teria então Lisboa um acentuado carácter cosmopolita e seria consideravelmente populosa.

Mas a narrativa da reconquista de Lisboa dá-nos também importantes informes sobre os arredores da cidade: «Os seus terrenos, bem como os campos adjacentes, podem comparar-se aos melhores, e a nenhum são inferiores, pela abundância do solo fértil, quer se atenda à produtividade das árvores, quer à das vinhas. (...) Prospera ali a oliveira. Nada há nela inculto ou estéril; antes, os seus campos são bons para toda a cultura» (4).

Sendo, portanto, Lisboa uma cidade populosa e tendo em seu redor campos tão férteis, aptos para as culturas, nomeadamente as hortícolas, parece inevitável terem-se estes tornado a principal fonte de abastecimento dos lisboetas e, consequentemente, desenvolveu-se ali intensa actividade agrícola nos campos dos arredores, cuja população seria, como é lógico, constituída predominantemente por agricultores.

Logo, não estaríamos apenas perante uma dicotomia habitantes da cidade-habitantes do campo, mas perante uma dicotomia mais profunda. Dum lado teríamos a população de Lisboa, de uma cidade onde abundavam os comerciantes e, como o comércio se fazia em parte por mar, um porto para o qual convergiam barcos e marítimos. A cidade aliunham portanto gentes vindas de outras terras e os seus habitantes permanentes teriam com eles contacto, trato, convívio. Nos arredores, pelo contrário, existia uma população de agricultores, votada ao cultivo da terra, ligada pois à terra, à produção dos alimentos destinados a Lisboa, portanto uma população bastante fechada, sem horizontes.

Tudo indica, pois, ter-se desenvolvido no período muçulmano, pelo menos na época que precede à reconquista de Lisboa em 1147, mas decerto em todo ou quase todo o período muçulmano, uma bem acentuada diferença entre os habitantes de Lisboa e os dos arredores, existindo no entanto entre essas duas populações um frequente contacto, ainda que restrito, porquanto eram os próprios agricultores que vinham à cidade vender os seus produtos.

Contraste portanto entre o habitante da cidade e o habitante do campo, entre comerciantes, marítimos, funcionários, e, e agricultores, entre uma população cosmopolita, com contactos frequentes com povos longínquos, e uma população de perspectivas limitadas, entre populações, em suma, de níveis económicos diferentes. E portanto uma

dicotomia de carácter social, psicológico, económico e seguramente cultural. E foi ela, nesta sua amplitude, que originou o termo saloi.

Saloi, denominação criada e radicada no período muçulmano, mantém-se depois da reconquista de Lisboa, e chega, através dos séculos, ao nosso tempo - compreensivelmente, pois a dicotomia, o contraste humano, a diferenciação socio-económica e cultural permanecem depois da incorporação definitiva da cidade e seus arredores no reino cristão de Portugal e, decerto, até se agudizaram.

Lisboa continua a ser cosmopolita, continua a ser terra de comerciantes e de marinheiros, e ela continuam a afluir forasteiros, é a cidade de muitas e desvariadas gentes. E não deixa de alimentar-se, em boa parte, dos produtos que a população dos arredores, de agricultores, de homens presos ao amanho da terra, vêm à cidade vender. Logo, a permanência da dicotomia, do contraste, leva a manter-se o termo de origem árabe que exprime precisamente esse contraste, essa dicotomia.

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a circingem, e cercam» (6).

E não só se mantém o termo saloi. Os êglogos à fertilidade, à riqueza da produção agrícola dos arredores de Lisboa, que o cruzado assinalou em sua narrativa, é tema referido com frequência e mesmo insistência nas descrições da cidade e seus arredores, em épocas posteriores.

Assim, Luís Mendes de Vasconcelos afirmou: «a fertilidade do seu termo não sei que haja outro mais fértil: porque não há terra que melhor produza o que nela se semeia e planta» (5). E Nicolau de Oliveira considerou que Lisboa «tem outra causa que a engrandecia muito, que é o grande número de vilas e lugares, quase infinitas, e riquíssimas quantas que a

# AMADORA DE OUTROS TEMPOS

(Continuação da pág. 4)



Namoro saloio.

Defendemos conter o conceito de *saloio* mais do que a antinomia homem do campo, campónio e habitante do aglomerado urbano. Um caso parece-nos dar-nos a contraprova dessa ideia. Refere David Lopes o «nome que os moradores de Santarém dão à gente de fora da cidade: eles chamam-lhe *barrões*. Ora este nome tem o mesmo significado que *saloio*»<sup>(34)</sup>. Barrão terá o mesmo significado, mas não teve, não tem, nem mesmo aproximadamente, a mesma repercussão e impacto do termo *saloio*. Mas também não contém as antinomias, os contrastes, os factores de choque existentes entre o lisboeta e o *saloio*.

Concluindo, parece-nos poder-se considerar que

1) O conceito de *saloio* terá resultado do contraste entre a população de Lisboa e a dos seus arredores no período muçulmano, contraste que não seria apenas o do cidadão para o rural, do homem da cidade para o campónio, mas derivaria também da circunstância de, na vida social e económica e em termos de mentalidade e de cultura, serem marcadamente distintos os habitantes de Lisboa e os dos arredores;

2) Depois de 1147, na Lisboa cristã e portuguesa, persistem esses factores de diferenciação e devem mesmo ter-se acentuado. A expulsão dos muçulmanos da capital e a sua fixação, ao que tudo indica, nas cercanias, terá tomado a população dos arredores mais fortemente islamizada, enquanto em Lisboa se deve ter verificado um

acentuado e rápido decréscimo de islamização, não apenas pela saída de grande parte da população muçulmana, mas também pela afluência de povos cristãos peninsulares e até extra-peninsulares;

3) Esta diferenciação entre a população de Lisboa e a dos arredores leva a um choque, em virtude de esta última se deslocar continuamente à cidade para vender os seus produtos agrícolas e até alguns manufacturados pão, queijo fresco, etc. - de que se alimentavam em parte os lisboetas (em várias listas de preços de produtos marca-se explicitamente serem de termo alguns dos géneros). Esse choque terá sido a causa da forte implementação do termo *saloio*, não apenas para caracterizar uma população, mas com um sentido genérico e depreciativo.

<sup>(1)</sup> *Cousas arábico-portuguesas - Algumas Etimologias* in «Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa», Lisboa, vol. X, págs. 32 e 881.

<sup>(2)</sup> Embora primeiramente atribuída a narração a Osberno, parece não ter sido este o seu autor. Veja-se, de Rui de Azevedo. *A carta ou memória do cruzado inglês R, para Osberno de Bawdsey sobre a conquista de Lisboa em 1147*, Coimbra, 1962, págs. 10-t5 (Separata do tomo VII da «Revista Portuguesa de História»).

<sup>(3)</sup> *A conquista de Lisboa aos mouros (1147) narrações pelos cruzados Osberno e Amulfo testemunhas presenciais do cerco*. Texto latino e sua tradução para o português pelo Dr. José Augusto de Oliveira, (Complemento do vol. II da Lisboa Antiga, de Júlio de Castilho), Lisboa, 1936, págs. 59, 60 e 61.

<sup>(4)</sup> *Do Sítio de Lisboa*, Lisboa, 1803, pág. 185.

<sup>(5)</sup> *Livro das Grandezas de Lisboa*, tratado IV, cap.º V, Lisboa, 1620, fl. 78.

<sup>(6)</sup> *Relaçam, em que se trata, e faz hua breve descção dos arredores mais chegados à Cidade de Lisboa, e seus arrebaldes*. A primeira edição é de Lisboa e do ano de 1625. Republicada por A. Vieira da Silva nos «Anais das Bibliotecas, Arquivos e Museus Municipais», Lisboa, 1934, n.º 11, pág. 30.

<sup>(7)</sup> *Corografia portuguesa e Descrição topográfica do famoso Reino de Portugal*, livro 11, tratado VII, cap.º X, Lisboa, 1712, vol. III, pág. 374.

<sup>(8)</sup> *Livro das Grandezas de Lisboa*, tratado IV, cap. V, fol. 79 v.

<sup>(9)</sup> *Etnografia Portuguesa - Tentame de Sistematização*, Lisboa, 1941, vol. III, pág. 45.

<sup>(10)</sup> *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1874, vol. III, págs. 45.

<sup>(11)</sup> *A Extremadura Portuguesa*, segunda parte, Lisboa, 1908, pág. 103.

<sup>(12)</sup> No jornal «*Sintra Regional*» de 4 de Julho de 1931 (Ano 6 n.º 262) publica-se sob o título *Esclarecimento cunoso uma carta*, de 30 de Junho anterior, de Cunha e Costa, que diz ter em seu poder o manuscrito da *Fisiologia do Saloio*, e onde afirma: «Esse folheto, de facto anónimo datado de 1858, foi escrito e publicado por António Maria da Cunha Pereira Sotto Maior» refutando a atribuição da obra ao médico António Marçal da Silva Rosa. Na Bibliografia Sintrense de Francisco Costa e J. Martins da Silva Marques, Sintra, 1940, é aceite esta atribuição. Ver n.º 264, e pág. 99.

<sup>(13)</sup> *Physiologia do saloio*, 1858, págs. 7-8.

<sup>(14)</sup> *A Extremadura Portuguesa*, 2.ª parte, Lisboa, 1908, pág. 6.

<sup>(15)</sup> *Ibidem*, pág. 5-6.

<sup>(16)</sup> *Etnografia Portuguesa*, vol. III, pág. 433-436.

<sup>(17)</sup> *Ibidem*, vol. III, pág. 433.

<sup>(18)</sup> O seu autor é João de Sousa, lente de Arquitectura Naval e Desenho da Companhia dos Guarda-Marinhas. Em 1982 foi publicada uma edição fac-similada do Cademo pela Câmara Municipal de Lisboa.

<sup>(19)</sup> O Cademo não tem indicada a data da impressão. Apenas no primeiro desenho figura «Ramalho F. (ecit) 1785».

<sup>(20)</sup> Veja-se o nosso estudo *Do tráfego fluvial e da sua importância na economia portuguesa*, separata do «*Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*», Janeiro-Março de 1958, págs. 47-50.

<sup>(21)</sup> Ter o termo *saloio* sentido pejorativo é sobejamente conhecido e facilimo de comprovar. No entanto é de notar, por ser significativo, que a adjectivação de *saloio* para os produtos dos arredores de Lisboa, tem um sentido valorizativo, sendo indicativo de uma melhor qualidade.

<sup>(22)</sup> *Etnografia Portuguesa*, vol. III, pág. 428.

<sup>(23)</sup> *Ibidem*, vol. III, pág. 428, nota 3.

<sup>(24)</sup> *Miscellanea do Sibo de N. S. a da Luz do Pedrogão Grande*, diálogo XII, Lisboa, 1629, págs. 341-342. O itálico é nosso.

<sup>(25)</sup> *Etnografia Portuguesa*, vol. III, pág. 430, continuação da nota 4 da pág. 428.

<sup>(26)</sup> *A conquista de Lisboa aos Mouros*, edição citada na nota 3, pág. 108.

<sup>(27)</sup> *Portugaliae Monumenta Historica - Scriptores, Olisipone* 1856 vol. I, pág. 408.

<sup>(28)</sup> Veja-se o nosso estudo *Sobrevivências de cultos pagãos em Portugal*, separata da secção VII das publicações do XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Porto, 1962.

<sup>(29)</sup> *Guia de Portugal*, edição da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924, vol. I, pág. 452.

<sup>(30)</sup> *A Escola do Paraíso*, Lisboa, 1960, págs. 151 e 152.

<sup>(31)</sup> *Physiologia do Saloio*, pág. 5.

<sup>(32)</sup> *Ibidem*, pág. 29.

<sup>(33)</sup> *Cousas Arábico-Portuguesas - Algumas Etimologias*, in. «Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa», 1915-1916, vol. X, pág. 882.